

SECUNDARISTA, ORGANIZE-SE E LUTE!

I JOÃO PEDRO

Nenhum direito que hoje consideramos básico foi conquistado sem luta. A escola pública, o acesso à educação e até os poucos direitos garantidos à juventude existem porque houve enfrentamento contra um sistema que prioriza o lucro e abandona quem vive do próprio trabalho. Ao longo da história, toda classe explorada precisou se organizar para romper os limites impostos por quem concentra poder econômico e político. Nada foi concedido: tudo foi arrancado.

A própria burguesia só chegou ao poder por meio de revoluções, mas hoje tenta apagar essa história para justificar a exploração. Enquanto se apresenta como “civilizada”, empurra os trabalhadores para a miséria e criminaliza qualquer forma de organização dos trabalhadores.

A classe trabalhadora, por sua vez, também construiu sua tradição de luta. A Comuna de Paris, em 1871, mostrou que os explorados podem se organizar e exercer o controle sobre os meios de produção. Essa tradição não pertence ao passado: é uma lição viva para a juventude que hoje sofre com cortes na educação, precarização do ensino e submissão aos interesses do imperialismo.

A educação pública, patrimônio histórico da humanidade, é cada vez mais atacada e privatizada. Nos Estados, vimos governos entregando a administração de escolas públicas a empresas privadas, reduzindo investimentos por aluno e precarizando o trabalho docente, tudo articulado a partir de brechas abertas pelo NEM.

Esse processo não é acidental: é a expressão da lógica do capitalismo, e sua fase superior, o imperialismo. Que submete todas as áreas da sociedade ao objetivo de ganho de lucro, submetendo os países dominados ao capital financeiro através de privatizações e domínio da dívida pública.

Enquanto lutarmos apenas para impedir perdas pontuais, sem enfrentar as causas estruturais desses ataques, continuaremos enxugando gelo. Nesse cenário, os secundaristas têm papel central na construção da consciência de classe, seja nos grêmios, nas mobilizações ou nos espaços de organização política. Em 1968, os estudantes foram, sem dúvida, os catalisadores das greves em todo o mundo, mostrando que a juventude organizada pode mudar a história, sempre aliada à classe trabalhadora.

Nesse sentido, o Encontro Fora Imperialismo e suas Guerras é fundamental. Será realizado em São Paulo no dia 18 de abril. Participar deste espaço é compreender que os ataques à educação não estão isolados, mas fazem parte de um projeto global de exploração.

É transformar indignação em organização, estudo em ação política e resistência em perspectiva de futuro. Para um secundarista, estar nesse encontro é dar um passo consciente na luta por uma educação pública, gratuita e para todos. Inscreva-se!



UMA NOVA BROCHURA VEM AÍ!

I LUCY DIAS



Leia outras publicações em nosso site na seção de brochuras

No dia 28 de março, data que marca os 58 anos do assassinato de Edson Luís, a JCI fará o lançamento de uma nova brochura, especialmente pensada para a juventude secundarista. Recheada de temas pertinentes a atuação e ao cotidiano dos jovens do Ensino Médio, essa brochura aborda o significado profundo do NEM, da Lei da Mordça, Escolas Cívico-Militares, um histórico das lutas do movimento estudantil secundarista no Brasil e no mundo e a ligação dessa camada dos proletários por um mundo socialista. Além da reflexão, também elaboramos guias de atuação sindical prática para atuação nos grêmios sob a base dos princípios dos Sindicatos de Estudantes e da aliança operário-estudantil. Participe e reserve a sua!

ESPÁRTAC

BOLETIM NACIONAL DA JUVENTUDE COMUNISTA INTERNACIONALISTA

DEFENDER OS PILARES DA EDUCAÇÃO REPUBLICANA
CONTRA A BARBÁRIE IMPERIALISTA

I EDITORIAL

Lênin, em 1920, afirmou que a principal tarefa da juventude pode ser resumida em uma única palavra: aprender. Ele complementa: “só poderemos construir o comunismo com a soma de conhecimentos, organizações e instituições, com a reserva de forças e meios humanos que nos ficaram da velha sociedade”. Defender que a juventude tenha o direito de aprender e de acessar todo o conhecimento acumulado pela humanidade até aqui, é, antes de tudo, defender a educação pública, gratuita e para todos. Essa defesa não está longe de nossa realidade: ela se expressa concretamente no cotidiano.

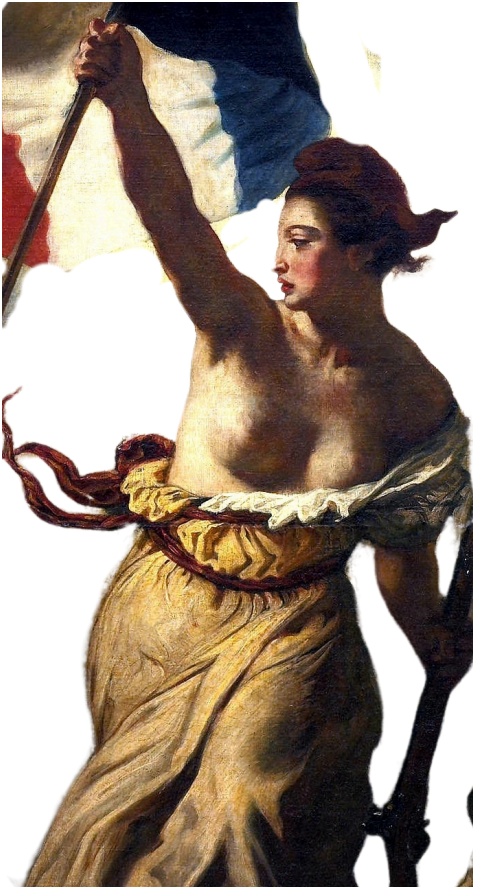
Historicamente, a defesa da educação pública, gratuita e universal está ligada à consolidação da escola republicana, cuja origem remonta à Revolução Francesa de 1789. Em oposição ao modelo educacional anterior, restrito à nobreza, ao clero e à aristocracia, a escola republicana afirmou princípios fundamentais como a universalidade, a gratuidade, a laicidade e o acesso ao conhecimento científico. O que a burguesia apenas foi capaz de elaborar como ideal, foi posto em prática pela Comuna de Paris de 1871.

Esse modelo influenciou profundamente os sistemas educacionais em diversos países. Porém, está sendo ferozmente atacado com medidas como o Novo Ensino Médio, as escolas cívico-militares e projetos de Lei da Mordça.

Enquanto isso, outros setores da esquerda abandonaram a luta pela educação pública, gratuita e para todos e adotaram a reivindicação por “qualidade”.

Frequentemente utilizam como argumento a falsa polêmica entre acesso e qualidade ou ainda passam diretamente para defesa das cotas como meio de acesso, o que mantém o mesmo quadro de vagas. A verdade é que a precarização da escola pública não é consequência de seu caráter universal.

A raiz da precarização está na crise e na decadência do capitalismo em sua fase imperialista, que impõem ataques a todos os serviços públicos.



Eugène Delacroix - La liberté guidant le peuple

A história demonstra que a ação das massas, tomando seus destinos em suas mãos, transforma a educação e sua função social.

O maior exemplo disso se deu com a Revolução Russa, em que ocorreram avanços profundos, como a erradicação do analfabetismo, a educação para adultos, o ensino gratuito com custeio integral de materiais, vestuário e alimentação, a concepção da educação como processo criativo, a eliminação de hierarquias entre professores, turmas reduzidas, o fim das punições escolares, o cancelamento de exames seletivos, o acompanhamento médico regular e a gestão democrática das escolas por estudantes e trabalhadores.

Os marxistas defendem uma escola pública, gratuita e universal, comprometida com a formação integral do ser humano.

Para a juventude, em particular nas escolas, essa luta começa na organização em seus locais de estudo, na volta às aulas, junto aos demais estudantes e em aliança de classe com os trabalhadores da educação, contra todos os retrocessos na educação pública e a exigência de todo investimento necessário.

Defender os pilares da educação republicana, o caráter público, gratuito, laico e universal, é uma luta anti-imperialista e revolucionária em nosso tempo. É a afirmação de que outro mundo não é apenas possível, mas necessário. Organize-se e lute!

A ESCOLA CÍVICO-MILITAR NO PARANÁ

I FERNANDA



O Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim), criado em 2019 durante o governo Jair Bolsonaro e encerrado pelo governo Lula em 2023, continua avançando no país por meio de iniciativas dos governos estaduais. Atualmente, cerca de 800 escolas públicas operam sob esse modelo, com maior concentração no Paraná, São Paulo e Goiás.

No Paraná, onde a política foi implantada em 2021, existem 312 colégios cívico-militares, o que corresponde a aproximadamente 20% da rede estadual, com a atuação de 880 militares monitores. Para 2026, o governo estadual prevê a conversão de mais 33 escolas. Trata-se de uma política que desvia os recursos da educação para a contratação de militares inativos, isto é, aposentados da Polícia Militar do Paraná, para atuar nas áreas administrativa, de gestão e até pedagógica. Os quais além de receberem suas aposentadorias, passam a receber remuneração adicional de aproximadamente R\$ 5,5 mil mensais.

As escolas cívico-militares operam como instrumentos de controle e disciplinamento dos estudantes, impondo normas sem respaldo pedagógico. O Manual das Escolas Cívico-Militares do Paraná proíbe barba, tatuagens, piercings, cortes de cabelo considerados “alternativos” e até define a cor do esmalte permitida às alunas. Paralelamente, o grêmio estudantil tem sua atuação esvaziada e subordinada a uma concepção restritiva de civismo e disciplina e não permite a expressão democrática dos alunos. Ainda, o que deveria ser um dever constitucional do Estado, de garantir educação igual para todos, transforma-se em um sistema desigual, visto que estas instituições recebem mais recursos em detrimento das demais escolas públicas. Além disso, estudantes que têm tempo diferenciado de aprendizagem ou baixo desempenho são pressionados a deixar essas instituições, prática que serve apenas para maquiar indicadores de “alto desempenho” do modelo cívico-militar.

Convidamos todos os jovens estudantes e trabalhadores a se organizarem com a JCI, fração jovem da OCI, no combate ao avanço das escolas cívico-militares e na defesa da educação pública, gratuita, laica e universal, bem como a defesa da liberdade de organização sindical dos estudantes e trabalhadores da educação.

A JUVENTUDE CONTRA A DITADURA CIVIL-MILITAR: “CALABOUÇO”, DE GERALDO JORGE SARDINHA

I CHICO AVIZ

Em 1968, as revoluções estavam nas ruas do mundo. Combater o capitalismo em todas suas faces e as burocracias nacionais-comunistas era a ordem do dia para o proletariado e sua juventude. No Brasil, essa onda revolucionária teve a incontornável luta contra o período mais brutal da Ditadura Civil-Militar. Podemos ler todo este contexto nas memórias de Geraldo Jorge Sardinha, antigo militante socialista, em seu livro “Calabouço: rebelião dos estudantes contra a ditadura civil-militar em 1968”. Nele, temos contato com a efervescência política e cultural dos estudantes no Rio de Janeiro e com a trágica execução do secundarista Edson Luís pelas mãos da polícia militar, no “Calabouço”, um restaurante popular que reunia a juventude revolucionária.

A obra, embora tenhamos críticas, apresenta o relato vivo e contundente destes fatos, da trajetória militante de Sardinha, da sanha burguesa pelo sangue dos combatentes de nossa classe e da capacidade, especialmente da juventude, em se organizar e lutar por um novo mundo.

QUANDO OS PINGUINS TOMAM AS RUAS

I ANA OLIANI

A Revolução dos Pinguins (Carlos Pronzato) acompanha o maior levante estudantil chileno em três décadas, ocorrido em maio de 2006, quando cerca de um milhão de estudantes do ensino médio, chamados “pinguins” por seus uniformes preto e branco, ocuparam escolas e tomaram as ruas do país. Por meio de entrevistas e imagens de arquivo, o documentário reconstrói um movimento que nasce da luta pelo passe escolar e rapidamente se radicaliza contra a privatização da educação, enfrentando forte repressão policial. A montagem articula o calor das manifestações com a memória do movimento estudantil que enfrentou a ditadura de Pinochet, referência direta para a organização dos secundaristas. O filme evidencia métodos da classe trabalhadora, como assembleias e ocupações, e destaca a articulação com sindicatos, universidades e sua influência em mobilizações na América Latina, incluindo o Brasil. O documentário está disponível no You Tube.



O QUE SÃO SINDICATOS DE ESTUDANTES?

I LETÍCIA DE TOLEDO

No princípio, os grêmios e centros acadêmicos eram entidades formadas pela juventude para defender seus interesses de forma democrática. Algumas representações brasileiras são os grêmios estudantis, a UNE e a UBES. Essas organizações foram responsáveis não só pelas conquistas que beneficiaram exclusivamente os estudantes, como o passe livre estudantil e o fim do Provão etc., mas também por mobilizar toda a classe operária para defender os interesses em comum. Exemplo disso foi a organização da campanha “O petróleo é nosso” que culminou na criação da Petrobras. A nível internacional, em 2025 a juventude da Sérvia organizou a partir de centros acadêmicos, manifestações de massas contra o governo corrupto de Aleksandar Vučić, disso foram organizadas assembleias populares, organismos de duplo poder na Sérvia.

Entretanto, essas organizações que deveriam defender os interesses dos jovens foram se degenerando ao longo do tempo, perdendo a linha revolucionária para a política das burocracias que as controlam. Tornaram-se ineficientes para atender às demandas estudantis, como o movimento pelo fim dos vestibulares, o teto de gastos para a educação, o novo ensino médio, além dos persistentes problemas estruturais enfrentados por instituições públicas de ensino. Atualmente as organizações estudantis estão sendo usadas para a conciliação dos interesses da burguesia, adotando medidas que desmobilizam a juventude.

O abandono das discussões políticas na base concentra as decisões na mão das direções dessas entidades, submissos ao governo Lula-Alckmin, colaborando sistematicamente para a privatização da educação e ignorando os pilares essenciais defendidos desde a Revolução Francesa: gratuidade, universalidade, obrigatoriedade e laicidade.

A JCI organiza sua atuação nas organizações estudantis sob a base do princípio dos sindicatos dos estudantes. No caso das escolas secundárias, atuando nos grêmios estudantis existentes ou iniciando a construção, tendo como base os princípios da democracia estudantil, aliança operário-estudantil, com total independência financeira e política da direção da escola e do Estado, na defesa do socialismo e da educação pública, gratuita e para todos. Com base nesses princípios, transmitimos o acúmulo histórico da luta revolucionária aplicada nas lutas sindicais que a juventude tem à sua frente em cada escola e universidade, preparando os futuros combatentes revolucionários do movimento operário.

VOCÊ JÁ ESCUTOU O BANDEIRA VERMELHA?

I RANNI HELER

Sob a bandeira do comunismo internacionalista, o podcast Bandeira Vermelha tem como objetivo auxiliar a formação política para a construção, com métodos e princípios operários, para abrir uma saída revolucionária frente à barbárie capitalista.

Em meio a essa crise do capitalismo, das velhas organizações do proletariado e das instituições, a juventude apenas tem como resposta o silêncio, o vazio e a naturalização da exploração. Entendendo a urgência de uma perspectiva no presente, buscamos nos apropriar de todo o conhecimento acumulado pelas gerações e experiências do passado para compreender a realidade.

Como afirmou Lênin, sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário. No Bandeira Vermelha, você encontra análises marxistas da conjuntura nacional e internacional e resumos dos clássicos do marxismo como instrumento para compreender o agora à luz da teoria e orientar a ação revolucionária. A nossa bandeira, é a bandeira vermelha! Ouça já no seu agregador de podcast de preferência.



ERGUAMOS A BANDEIRA VERMELHA!



LEIA EM JUVENTUDE COMUNISTA .COM